

## Mudanças em curso no português brasileiro: contrastando duas comunidades

*Dinah Callou e Erica Almeida*  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

### Abstract

This paper discusses four linguistic processes in two urban centers (Salvador and Rio de Janeiro – standard dialect), based on samples recorded in two different periods of time, the 70's and the 90's, for a short term real time study. The results for all constructions reveal age-group differentiation: in younger groups the innovative variants are almost categorical. The processes show the same structural and extralinguistic constraints, but are evolving along different paths. Our hypothesis is that the explanation for the patterns of distribution relies on the socio-history of the communities, their demographic characteristics, and the identifying power of the dialect.

**Keywords:** variation, change, standard dialect, morphological processes

**Palavras-chave:** variação, mudança, fala culta, processos morfológicos

### Introdução

Neste trabalho, observa-se, na fala culta de dois grandes centros urbanos do Brasil, a trajetória de quatro processos lingüísticos<sup>1</sup>: o uso variável de *ter* e *haver* em estruturas existenciais, como nos exemplos (1) e (1'); a substituição do futuro morfológico simples pelo futuro perifrástico, como nos exemplos (2) e (2'); o uso variável de *nós/a gente* – exemplos (3) e (3') –, além da substituição do modo *subjuntivo* pelo indicativo, até mesmo em contextos em que a tradição gramatical restringe o uso específico àquele modo, como nos exemplos (4), (4'), (5) e (5').

(1) *Há* muitos livros na mesa

(1') *Tem* muitos livros na mesa

(2) Ela *cantará* na festa

(2') Ela *vai cantar* na festa

(3) *Nós* nos divertimos muito

(3') *A gente* se divertiu muito

(4) Talvez eu *vá* à festa

(4') Talvez eu *vou* à festa

(5) Embora o argentino *viva* dizendo que ... está na miséria

(5') Embora o argentino *vive* dizendo que ... está na miséria

---

<sup>1</sup> Tomam-se por base estudos já realizados, quer pelos autores quer por seus orientandos de Mestrado e Doutorado.

Foram utilizadas quatro amostras relativas a duas cidades brasileiras, Salvador (na região Nordeste) e Rio de Janeiro (na região Sudeste), registradas em dois períodos distintos de tempo, década de 70 e década de 90, para possibilitar um estudo de mudança em tempo real de curta duração, um estudo de tendência, nos moldes de Labov (1994). Todas as amostras são da fala culta e estão distribuídas por gênero (masculino e feminino) e faixa etária (25-35; 36-55 e 56 em diante). No que se refere ao português brasileiro, os dados foram extraídos dos *corpora* do Projeto de Estudo da norma lingüística urbana culta ([www.lettras.ufrj.br/nurc-rj](http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj)) e, no que se refere ao português europeu, do Projeto VARPORT ([www.lettras.ufrj.br/varport](http://www.lettras.ufrj.br/varport)).

Se consultarmos um mapa geral do Brasil, pode-se observar que os pontos analisados não correspondem a uma área contínua, nem sequer a uma mesma região.

### 1. Análise dos dados

Os resultados da análise variacionista de dois tipos de construção revelam diferenciação por faixa etária, sendo a variante inovadora (*ter-existencial* e *futuro perifrástico*) quase categórica, nos jovens. Ambos os processos, embora apresentem os mesmos condicionamentos estruturais e extralingüísticos nas duas cidades, evoluem de forma distinta. Em Salvador, no que tange ao uso do *ter-existencial*, a implementação foi mais rápida (74% já na década de 70 e 86% na década de 90), enquanto, no Rio de Janeiro (Callou & Avelar, 2000), a freqüência de uso não ultrapassa 63% nos anos 70 e chega a 76% nos anos 90. Esses percentuais indicam que a freqüência de uso no Rio de Janeiro, na década de 90, é equivalente à freqüência de uso em Salvador na década de 70 (Figuras 1 e 2 – dados retirados de Martins & Callou, 2002).

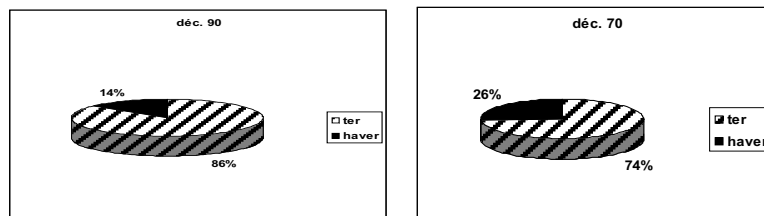


Figura 1 – Fala culta de Salvador nas décadas de 70 e 90

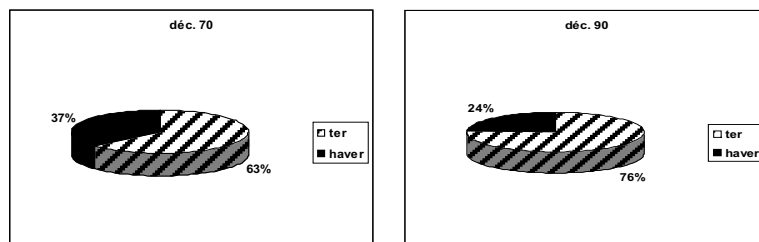


Figura 2 – Fala culta do Rio de Janeiro nas décadas de 70 e 90

Foi possível ainda constatar que as mulheres utilizam mais o verbo *ter* que os homens, no Rio de Janeiro, mas não em Salvador, conforme ilustra a Figura 3, talvez porque, nesse caso, não se esteja diante de uma mudança em progresso e sim de variação estável.

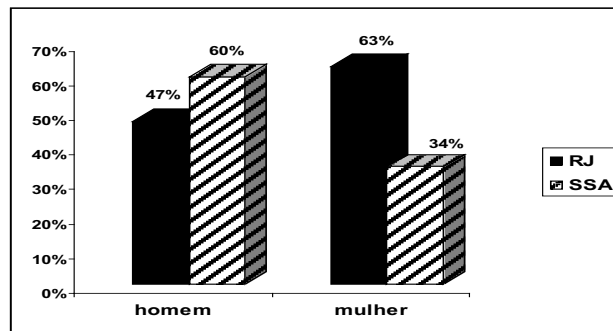


Figura 3 – Uso de ter-existencial em homens e mulheres nas duas cidades

Por outro lado, Salvador apresenta uso mais restrito da forma de futuro perifrástico, na década de 70, que o Rio de Janeiro – que já se encontrava em estágio mais avançado – mas evidencia aumento de índice percentual significativo, de uma década para a outra: 65% → 99%. No Rio de Janeiro, pode-se dizer que há relativa estabilidade, 89% → 95%, confirmando a hipótese de que um processo em estágio mais avançado de mudança progride mais lentamente em suas etapas finais (dados retirados de Oliveira, 2006 – Figura 4).

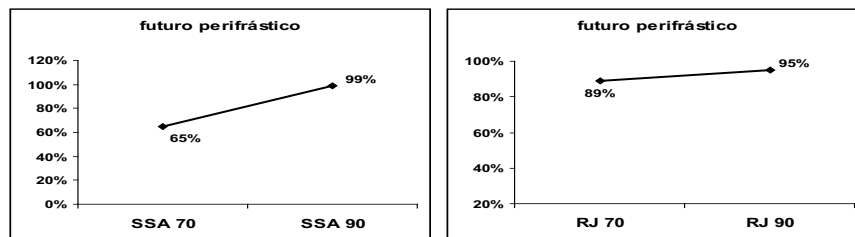


Figura 4 – Uso do futuro perifrástico nas duas cidades, nas duas décadas

De um ponto de vista estritamente lingüístico, as formas inovadoras – *ter-existencial* e *forma perifrástica* de futuro – na década de 90, espriam-se, na língua falada, por novos contextos (verbo não necessariamente no tempo passado, para o *ter-existencial*, e, futuro não necessariamente próximo, para a forma perifrástica), embora, na escrita, predominem ainda as formas mais conservadoras, tanto numa comunidade quanto na outra.

Além disso, análise preliminar detectou que nem sempre se observa a mesma evolução nas duas variedades continentais da língua portuguesa: ora PB se aproxima de PE, ora se afasta. Destaca-se o caso das construções existenciais, em que o português europeu ainda mantém a forma padrão com *haver-existencial*, em oposição à implementação de uso do futuro perifrástico, em substituição à forma simples, que segue caminho semelhante ao do português brasileiro e já estava documentado no português antigo (Mattos e Silva, 2008).

Outros processos em curso no português brasileiro, como os da substituição (i) do pronome *nós* por *a gente* e (ii) das formas do modo subjuntivo pelas do indicativo, vêm mostrando também comportamentos diferenciados, em sua origem, mas semelhantes nas frequências de uso, a partir da década de 90 do século XX.

Na década de 70, a frequência de uso de *a gente* no Rio de Janeiro e em Salvador (Figura 5) é praticamente idêntica: diferença apenas de 5 pontos percentuais (dados retirados de Lopes, 1993).

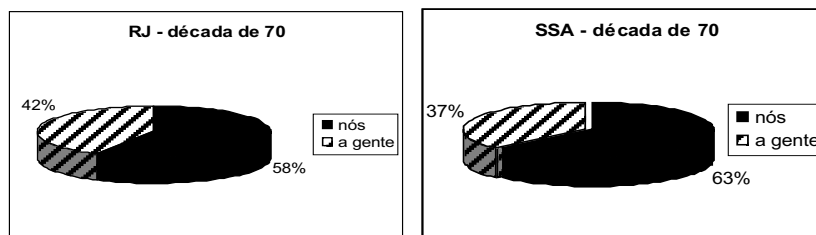


Figura 5 – Uso de *nós* e *a gente* (década de 70) no Rio de Janeiro e em Salvador

Embora a forma predominante, sem levar em conta a variável faixa etária, seja *nós*, é digna de nota a preferência, entre os jovens, já na década de 70, notadamente em Salvador, pela forma mais inovadora, *a gente*, como se pode observar nas Figuras 6 e 7.

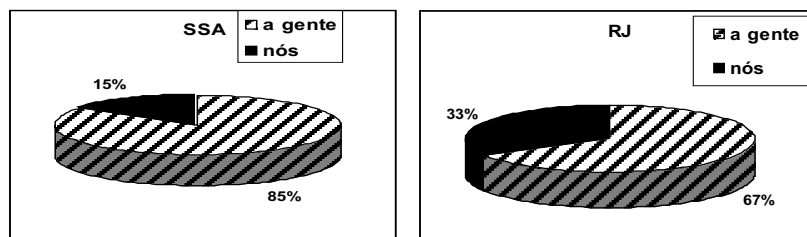


Figura 6 – Uso de *a gente* na primeira faixa etária (25-35), em Salvador e no Rio de Janeiro (década de 70)

Na década de 90, o percentual de uso de *a gente* já atinge, na primeira faixa etária, 97% em Salvador e 92% no Rio de Janeiro (Figura 7).

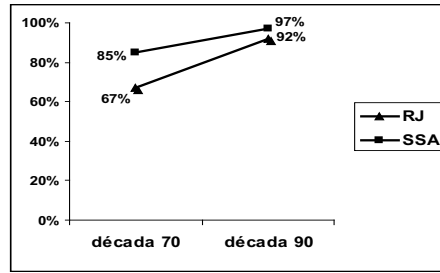


Figura 7 – Uso de *a gente* na primeira faixa etária (25-35), no Rio de Janeiro e em Salvador (décadas de 70 e 90)

Em termos absolutos, há um aumento significativo da frequência de uso nas duas cidades: no Rio de Janeiro, de 42% para 75% e, em Salvador, de 37% para 78%, como se pode verificar na Tabela 1, comprovando a mudança, já evidenciada na preferência dos jovens pela forma *a gente* (cf. Figuras 6 e 7).

Uso de <i>a gente</i>	SSA	RJ
Década de 70	37%	42%
Década de 90	78%	75%

Tabela 1 – Percentual de uso de *a gente* nas duas cidades, nas duas décadas

O português europeu apresenta percentual baixo de *a gente* (5%), na fala culta, com índice de retração da regra, em tempo aparente e em tempo real, já que os jovens são os que menos usam (2%), e, no espaço de 20 anos, apresenta redução não relevante de ocorrência (3%): 7% para 4%.

No que se refere ao modo subjuntivo, o uso é mais ou menos freqüente a depender do tipo de subordinada. As concessivas (exemplos 5 e 5') apresentam o maior índice de uso e as relativas o menor índice (Figura 8).

No que se refere ao modo subjuntivo, o uso é mais ou menos freqüente a depender do tipo de subordinada. As concessivas (exemplos 5 e 5') apresentam o maior índice de uso e as relativas o menor índice (Figura 8).

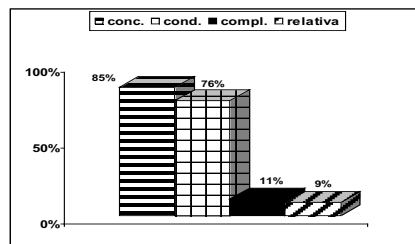


Figura 8 – Distribuição de uso do modo subjuntivo em subordinadas adverbiais (condicionais e concessivas), completivas e relativas.

No Brasil, se observarmos a distribuição pelas cidades e pelas décadas, levando em conta, a título de exemplificação, apenas as completivas (exemplos (6) a (8), a seguir), em que parece atuar o valor semântico-lexical do verbo da matriz, é possível concluir que Salvador e Rio de Janeiro seguem caminhos opostos.

(6) *A mãe de Maria não quer que ela vá/vai*

(7) *Parece que nenhuma influência tenha/tem*

(8) *Eu acho que eu esteja/estou muito jovem*

Enquanto, em Salvador, o uso do subjuntivo se reduz à metade, de uma década para a outra, no Rio de Janeiro, aumenta 4 pontos percentuais (Figuras 9 e 10), mesmo em contextos não previsíveis.

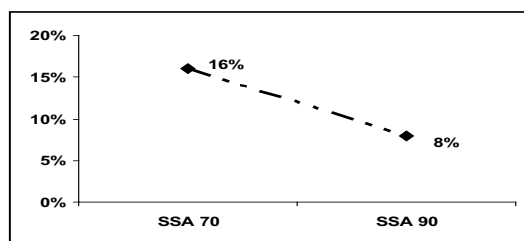


Figura 9 – Uso do subjuntivo em orações completivas, nas décadas de 70 e 90, em Salvador

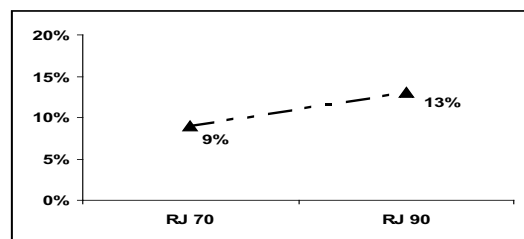


Figura 10 – Uso do subjuntivo em orações completivas, nas décadas de 70 e 90, no Rio de Janeiro.

No português europeu, o percentual de ocorrência do subjuntivo em orações completivas é um pouco maior que no português do Brasil (17%), mas existe a mesma tendência em reduzir seu uso de uma década (19%) para a outra (13%), a julgar pelos dados analisados (169 estruturas completivas – cf. exemplos 11 e 12), que mostram uma variação estável, com ápice de uso na faixa de 36 a 55 anos (22%).

(9) *Eu também acho que isso pode/possa acontecer*

(10) *Confiei que efectivamente havia/houvesse*

### Conclusão

Nossa hipótese é a de que esses padrões de distribuição poderiam ser explicados pela sócio-história das comunidades, suas características demográficas e o poder identificador do dialeto. A cidade de Salvador apresentava, na década de 70, uma população alfabetizada estimada em 64% e só nos últimos 30 anos, graças a constante migração interna e externa, duplicou sua população residente (de um milhão para dois milhões de habitantes) e quase triplicou a população migrante. Ao menos tempo, o índice da população alfabetizada chega a 70%.

Por outro lado, a cidade do Rio de Janeiro, antiga capital do país, por quase 200 anos (de 1763 a 1960), considerada centro irradiador de cultura, já era a segunda maior cidade brasileira com mais de quatro milhões de habitantes àquela época (o primeiro conjunto de dados foi gravado entre 1971 e 1978), com uma população alfabetizada de mais de três milhões, equivalente a 77% dos habitantes, percentual bastante significativo no cenário nacional. Além disso, o fluxo de migrantes já tinha diminuído, ao contrário do que ocorreu nas cidades do Nordeste.

Além disso, é necessário lembrar que houve uma mudança no quadro percentual da população urbana e rural, mudança essa que não ocorreu ao mesmo tempo em todo o país. O fenômeno teve início na Região Sudeste, na década de 50 e somente atingiu as outras regiões – e não da mesma forma – na década de 70.

A Tabela 2 a seguir apresenta dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que confirmam as características das duas cidades nas décadas examinadas. Como se vê, os resultados dos censos estatísticos fornecem um quadro do país e podem ser considerados a principal fonte de informações para a análise e o conhecimento sobre a realidade nacional.

Dados demográficos	Salvador		Rio de Janeiro	
	Censo 70	Censo 91	Censo 70	Censo 91
População residente	1.007.195	2.075.272	4.251.918	5.480.772
População imigrada	297.584	646.821	1.800.822	1.517.232
População alfabetizada	650.679	1.467.593	3.283.600	4.255.625
IDH – Municipal	0,580	0,793	0,702	0,808
IDH – Educação	0,639	0,758	0,707	0,800
IDH – Renda	0,800	0,952	0,940	0,965

Tabela 2 – Dados demográficos das duas cidades, nas duas décadas

É possível concluir, assim, que, na década de 70, havia ainda uma diferença

dialetal entre os dois centros urbanos, mas, de uma década para a outra, houve uma convergência de usos, com base nos índices de desenvolvimento de Salvador.

Conforme foi ressaltado por Weinreich (1963) e outros, dialetos mutuamente inteligíveis repercutem uns sobre os outros em situação de contato e, freqüentemente, quando falantes de diferentes variedades da mesma língua são postos em contato e convergem: itens – e, por extensão, usos – podem ser transferidos de uma variedade para a outra.

Este estudo demonstra que é necessário considerar uma gama de fatores lingüísticos e extralingüísticos na busca de explicações para a variação e mudança de fenômenos morfossintáticos em comunidades distintas de fala.

### Referências

- Callou, Dinah & Juanito Avelar (2000) Sobre TER e HAVER em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Gragoatá* 9, pp. 85-114.
- Labov, William (1994) *Principles of linguistic change*. Internal factors. Cambridge: Blackwell.
- Lopes, Célia (1993) *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Faculdade de Letras/UFRJ.
- Martins, Luciene & Dinah Callou (2002) *Variação e mudança na fala culta do Rio de Janeiro e de Salvador: ter e haver em construções existenciais*. Florianópolis: CELSUL, mimeo.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (2008) *O português arcaico. Uma aproximação*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Oliveira, Josane (2006) *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras/ UFRJ.
- Weinreich, Uriel (1963) *Languages in contact: findings and problems*. The Hague: Mouton.

### Fontes de dados:

[www.lettras.ufrj.br/nurc-rj](http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj)  
[www.lettras.ufrj.br/varport](http://www.lettras.ufrj.br/varport)